

ENTREVISTA COM O PROF. DR. SETH JACOBOWITZ

Renan Kenji Sales HAYASHI
Universidade Federal do Paraná
renanhayashi@ufpr.br
<https://orcid.org/0000-0001-8602-8765>

Seth JACOBOWITZ
Texas State University
sethjacobowitz@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4172-5046>

Prof. Dr. Seth Jacobowitz é Professor Assistente no Departamento de Literaturas e Línguas do Mundo na Texas State University. Ele é Doutor em Literatura Japonesa pela Cornell University e fez seu pós-doutorado no Reischauer Institute for Japanese Studies na Harvard University. Ele é o autor de “Writing Technology in Meiji Japan: A Media History of Modern Japanese Literature and Visual Culture” (Harvard Asia Center, 2016), que recebeu o Prêmio de Livro de Humanidades pela International Convention of Asia Scholars em 2017. Ele traduziu do japonês para o inglês o livro “The Edogawa Rampo Reader” (Kurodahan Press, 2008) e do português para o inglês a obra “Corações Sujos: a História da Shindô Renmei”, de Fernando Morais (Palgrave MacMillan, 2021). Entre seus projetos atuais, destaca-se a obra “Japanese Brazil: Immigrant Literature and Overseas Expansion, 1908-1945”, sob contrato com a Vanderbilt University Press. Anteriormente, ele lecionou na Yale University e na San Francisco State University.

Apresentação

A entrevista ora apresentada é, antes de tudo, uma reflexão sobre a forma (in) conciliável de lidar com as línguas – mas também culturas – postas em relevo na dimensão da tradução. Quando falamos a respeito das línguas, neste contexto, não estamos referindo-nos necessariamente às escolhas tradutórias ou às formas muitas específicas que um ou outro idioma nomeia certa coisa do mundo. Em outras palavras, a (in)tradutibilidade de termos ou expressões autóctones. Estamos, pois, trazendo à baila a dificuldade premente que há em lidarmos com os múltiplos efeitos de sentido contidos na linguagem e que vazam em suas mais diversas materialidades. E é tarefa da tradução fazer com que esses múltiplos efeitos – advindos do texto de partida – falem e sejam falados no texto de chegada. E foi isso que o Prof. Jacobowitz fez em sua tradução da obra *Corações Sujos*, escrita por Fernando Moraes, sobre a qual falamos nesta entrevista.

O prof. Jacobowitz fez a tradução de um texto, publicado nos anos 2000, do Português do Brasil para o Inglês. Como se já não fosse uma tarefa grandiosa, o texto em questão ainda apresenta incontáveis termos e referências em língua japonesa. Dito de outra forma, o livro, lançado em português, se estrutura, como artefato, a partir de pilares linguísticos do português e do japonês. Diríamos mais, português-japonês. Com efeito, o lugar de partida do afazer tradutório não foi um ponto cartesiano no horizonte. Foi, antes, uma indicação espacial esmaecida de um liame entre línguas-culturas, sobre o qual buscou-se entender, a fim de que aquele pudesse ser enriquecido de elementos, em outras línguas-culturas, justamente por meio da tradução. Há quem aponte esse liame como uma perturbação das culturas nacionais, aquelas que deveriam ser defendidas e incentivadas em suas singularidades. Uma tentativa de manutenção de um pretenso – e ilusório (?) – purismo cultural, como diriam alguns. Como se a cultura moderna fosse composta de partes bem definidas e claramente separadas.

Ora, Bhabha (2011, p. 82) assevera que “[...] essa cultura ‘das partes’, essa cultura parcial, é o tecido contaminado, e até conectivo, entre as culturas – ao mesmo tempo a impossibilidade de as culturas bastarem-se a si mesmas e da existência de fronteiras entre elas”. À vista disso, continua o indiano, “[...] o resultado é, na verdade, mais algo que se parece como um ‘entrelugar’ das culturas, ao mesmo tempo desconcertantemente semelhante e diverso” (BHABHA, 2011, p. 82). E é justamente nesse ‘entrelugar’ de línguas-culturas que uma obra sobre um traço histórico bem peculiar da cultura nipo-brasileira aparece. Um ‘entrelugar’ que entrecruza as raízes culturais brasileiras juntamente ao imaginário sociocultural que tínhamos sobre os habitantes da terra do sol nascente e seus descendentes.

Se mencionamos há pouco os termos *raízes* e *imaginário*, não foi, em absoluto, de modo fortuito. Encontramos em *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, uma preciosa indicação a respeito do combustível com o qual se nutria o imaginário social a respeito dos japoneses no período anterior à Segunda Guerra Mundial. Em uma reflexão sobre o *Homem Cordial* brasileiro, Buarque de Holanda aponta que

[...] [e]ntre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinários do convívio social, chega a ponto de confundir-se, por vezes, com reverência religiosa. Já houve quem notasse este fato significativo, de que as formas exteriores de veneração à divindade, no ceremonial xintoísta, não diferem essencialmente das maneiras sociais de demonstrar respeito. Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez (HOLANDA, [1936] 2014, p. 176).

Publicado na década de 30, esta obra ilustra, em muito, uma forma parcial da maneira como eram vistos e representados os japoneses, bem como seus imigrantes em terras brasileiras. Esse imaginário viria a ser questionado, nos anos seguintes, durante o período da Segunda Guerra Mundial e, mais detidamente, nas décadas que se seguiram ao conflito global. A obra de Morais aponta, justamente, para um conjunto de acontecimentos que colocam em cena não somente posições políticas contrárias – e conflitantes – no seio da comunidade nipo-brasileira, mas também posturas ideológicas radicais de questionamento de desfechos de eventos de escala mundial.

O que está em jogo é justamente um enorme golpe que atinge não somente o imaginário que compunha as maneiras como os japoneses e a comunidade nipo-brasileira eram representados, mas, sobretudo, como esta última se representava socialmente. Com efeito, conforme aponta o Prof. Jacobowitz na entrevista, o livro de Morais se torna uma referência internacional para compreender aspectos históricos da época. E não somente isso. A tradução para a língua inglesa, vinte anos após sua publicação inicial, traz à baila, de maneira tangente, aquilo que Walter Benjamin aponta em seu texto seminal, *A tarefa do Tradutor* (1921), a respeito da *sobrevida* de uma obra.

Ganhando fôlego, *Corações Sujos*, que agora pode circular em inglês nos mais diversos contextos, garante sua sobrevida não porque estivesse fadada a perecer em sua língua “materna”, mas sim, porque um texto cuja estrutura se forja justamente no liame do ‘entrelugar’ de línguas-culturas deve, portanto, seguir sua rota se enveredando em outros ‘entrelugares’, por meio de outras línguas-culturas. Dito de outra maneira, é como se o chamado de um texto dessa natureza fosse justamente o de questionar o imbricamento

de fatos e ideias por meio de um enlace que não busca separar o que é diverso, mas apresentar o que está contido no hífen que une as *línguas às culturas*.

Dessa forma, uma entrevista como esta do Prof. Jacobowitz nos faz questionar não somente os limites da tradução, como também o que há de misterioso e encantador nesta árdua tarefa de fazer um texto falar em outra língua. Se retornarmos aos escritos de Benjamin, veremos como, segundo o historiador alemão, “[...] a tradução tem por finalidade dar expressão à relação mais íntima das línguas umas com as outras” (BENJAMIN, [1921] 2018, p. 90). Se assim o for, é em uma relação de intimidade – mas também *extimidade*, trazendo Jacques Lacan à cena – que o afazer tradutório se passa, pondo a nu tudo aquilo que há de medular em um texto. E por medular apontamos mesmo aquilo que se mostra inconsistente no texto de partida, como lembra o prof. Jacobowitz a respeito de dados históricos imprecisos no texto de Morais e que foram corrigidos na tradução para o inglês.

Que essa correção era uma necessidade premente ante ao compromisso com os acontecimentos históricos, isso, de fato, não nos deixa dúvidas. Contudo, fica-nos igualmente a questão se esta iniciativa de correção também não seria uma certa forma de *infidelidade* indispensável que ronda sem cessar o processo de traduzir. À vista disso, certamente voltaríamos à interminável discussão que versa sobre a figura do *tradutor* como *traidor*. Sem querermos suscitar debates já superados, parece-nos prudente retornar aos escritos de Benjamin, no qual figura um horizonte para esta indagação. Diz o historiador, acerca da liberdade de tradução, que “[...] essa liberdade não deve a sua existência ao sentido da informação – o sentido da fidelidade é precisamente o de emancipá-la dele” (BENJAMIN, 1921] 2018, p. 98).

E é na emancipação de formas e efeitos de sentido que as obras passam a circular, histórias são contadas e recontadas e, nós mesmos, sujeitos de linguagem, vamos nos estruturando entre línguas-culturas nos mais variados ‘*entrelugares*’. ‘*Entrelugares*’ de aconchego e pertença, mas também de tropeços e equívocos, afinal, como lembram os psicanalistas, a língua é fala, mas também falha. Fato é que estes incontáveis *entrelugares* descobertos pelas línguas-culturas nos convidam a explorar cada vez mais seus recantos, esquinas e cruzamentos. Como se em cada sala secreta, descoberta por meio dos efeitos de sentido da linguagem, houvesse um convite a explorar um cômodo inaudito adiante. E a tradução certamente seria esse chamado tentador para ingressarmos sempre alhures, afinal, como assevera Akira Mizubayashi, romancista japonês que escreve suas obras direto no francês, nós “[...] ocupamos apenas pequenos recantos nestas imensas moradas

que são as nossas línguas¹” (MIZUBAYASHI, 2010, p. 163, tradução nossa).

Como palavra final, agradecemos ao Prof. Jacobowitz a imensa generosidade em conceder-nos esta entrevista sobre sua mais recente publicação. Mais ainda, o saudamos por seu convite a nos fazer conhecer, por meio da tradução, outros recantos em outras moradas. *Entrelugares* no coração – limpo ou sujo – das línguas-culturas.

- 1) “Corações sujos” é uma obra dos anos 2000. Mais de vinte anos após sua publicação inicial, recebe agora uma tradução para língua inglesa de sua autoria, junto a uma introdução crítica. O senhor poderia nos contar como foi o processo desse gesto tradutório e que particularidades existiram em traduzir um texto do português do Brasil para o inglês, com tantas referências também em japonês.

Obrigado pela oportunidade de discutir a tradução e introdução crítica de “*Dirty Hearts*”. Nos vinte anos entre a publicação original em português e a tradução em inglês, houve vários desenvolvimentos importantes que merecem destaque, incluindo a adaptação cinematográfica e ficcional de Vicente Amorim com o mesmo título em meados de 2011. Também vimos o crescimento do interesse em literatura e história nipo-brasileira pela área de Estudos do Leste Asiático e da América Latina como parte de mudanças maiores no campo de estudos transnacionais e diáspóricos. No meu caso, fui formado como pesquisador de literatura japonesa moderna na Cornell University no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Só comecei meus estudos sobre o Brasil e a Língua Portuguesa depois de já ter terminado meu doutorado em 2006.

Eu abordei a tradução por alguns motivos. Um era provar que eu poderia fazê-lo. Tendo aprendido português principalmente por conta própria, era importante demonstrar a mim mesmo e, aos colegas como você, que eu queria me levar a sério. E digo isso como um desafio a todos os meus colegas que querem fazer uma pesquisa transnacional e interdisciplinar: se você quer ser levado a sério, por exemplo, no Brasil, então aprenda a falar e ler em português. Apresente e publique seu trabalho no Brasil. Sou muito cético em relação a estudiosos que afirmam trabalhar com *nikkeis* brasileiros, mas nunca pisaram no Brasil, nunca dialogaram com colegas e alunos daqui. É uma farsa, certo? Infelizmente, há muito pouco apoio para os Estudos Brasileiros nos Estados Unidos. É um campo pequeno e, comparado aos Estudos Japoneses, muito mal financiado. Espero que os leitores me

1 No original em francês: “[...] nous n’occupons que de petits recoins dans ces immenses demeures que sont nos langues” (MIZUBAYASHI, 2010, p. 163).

perdoem se eu disser algo um pouco pretensioso, que é que sinto a missão de promover os estudos sobre o Brasil nos EUA e no exterior. Acredito muito no potencial do Brasil no mundo. Caso contrário, eu não me incomodaria.

Outra razão fundamental para esta tradução e a pesquisa que entrou na introdução foi preencher lacunas em meu próprio conhecimento sobre o Japão do pós-guerra. Nos últimos anos, venho realizando pesquisas para um novo livro que se chamará “Japanese Brazil: Immigrant Literature and Overseas Expansion – 1908-1945”, que está sob contrato avançado com a Vanderbilt University Press.

Eu sabia que, para escrever o livro corretamente, eu precisava entender melhor o que aconteceu no Brasil, na comunidade nipo-brasileira e no contexto comparativo internacional mais amplo, durante e imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. É aí que “Dirty Hearts” entra em cena novamente, e se tornou um ponto de referência para minha compreensão de certos aspectos daquela época histórica. Como ocorreu com as outras comunidades da diáspora japonesa nas Américas, esses foram os anos decisivos que as levaram de melhor a pior. “Pela sua autoria” – se posso utilizar essas palavras no sentido literal - só para ficar claro, a tradução foi autorizada por Morais, mas não nos correspondemos durante nenhum ajuste editorial presente na tradução. Sou grato a ele por confiar em mim para levar o projeto até a conclusão.

2) A obra trata, entre outros tópicos, da atuação da *Shindô Renmei*, que não aceitando a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, utilizava de meios de comunicação para difundir notícias falsas e deturpar informações tendo como alvo, quase exclusivo, os imigrantes japoneses. O senhor faz uma análise interessante do atual recorte sociohistórico, mencionando a política americana na era Trump, com um contraponto na atual política brasileira. Nesse sentido, como a leitura sobre a atuação da *Shindô Renmei* pode auxiliar a compreender o momento em que vivemos?

Quando comecei a trabalhar em “Dirty Hearts”, eu estava um pouco relutante em entrar em um tema tão polêmico que, como eu inicialmente o vi, retratava negativamente a comunidade nipo-brasileira. Mas, é correto dizer que minha motivação original foi focar neste projeto pelas maneiras que ele revelou a cisão crítica na comunidade: a transformação dos súditos imperiais residentes no Brasil (*Zaihaku Nihonjin/Kōmin*) em uma minoria étnica na democracia racial brasileira. O que mudou em meu pensamento correspondeu a eventos nos Estados Unidos, Brasil, Japão e em outros lugares: o

surgimento de notícias falsas, teorias da conspiração, discursos anticientíficos e assim por diante, culminando na insurreição de 6 de janeiro 2021, que procurou subverter os resultados da eleição presidencial dos EUA. Como comentei longamente na introdução, estávamos testemunhando a ascensão de um movimento *kachigumi* americano por Donald Trump e seus apoiadores, que se recusaram a admitir a derrota na eleição.

Embora poucos intelectuais ou comentaristas nos Estados Unidos (até agora) saibam sobre o conflito *kachimake* ou a *Shindô Renmei*, foi perceptível quantas figuras públicas fizeram comparações neste momento histórico com os eventos por meio de analogias japonesas: o âncora da Fox News, Chris Wallace, comparou Ted Cruz (republicano, senador do Texas) a soldados japoneses escondidos na selva décadas após o fim da guerra; enquanto o congressista republicano, Clay Higgins, comparou de forma inapropriada uma suposta fraude eleitoral com a privação de direitos dos nipo-americanos que foram internados durante a Segunda Guerra Mundial. Nas semanas seguintes à eleição, ele tuítou: “Eles eram 120 mil. Somos 75 milhões. Não vamos nos curvar à opressão.” (Para registro, eles foram 74,244 milhões contra os 81,285 milhões que votaram em Biden. Inflar despudoradamente a contagem de votos em 750.000 é uma verdadeira marca registrada do trumpismo). Veja só: eu estava sendo pressionado por um editor assistente para me apressar e enviar minha introdução no final de 2020. Eu me recusei de forma resoluta a enviar as revisões finais do manuscrito até ver Trump entrar no helicóptero e voar para longe da Casa Branca.

No entanto, quase ausente dessas conversas norte-americanas, estava o conceito de “autogolpe”, que infelizmente é muito caro à política latino-americana. Tento mostrar ao público norte-americano de língua inglesa que temos muito a aprender com esse episódio polarizador e doloroso de 1946-47 que acompanhou o fim da Segunda Guerra Mundial e a restauração da ordem democrática no Brasil.

3) Sabemos, com Eduardo Galeano (1998, p. 119), que “[n]ão existe história muda. Por mais que a queimem, por mais que a quebrem, por mais que mintam, a história humana se recusa a fechar a boca”. Além disso, em sua introdução crítica, o senhor afirma “este é um livro sobre traidores” (p.11). De que maneira a tradução desta obra pode auxiliar nessa recusa ao silenciamento da história e também no revisionismo sobre a posição de ‘traidores’ entre os vitoristas e derrotistas?

2 Tradução nossa de “[...] *No hay historia muda. Por mucho que la quemen, por mucho que la rompan, por mucho que la mientan, la historia humana se niega a callarse la boca*”.

Essa é a minha frase favorita na introdução. Para mim, pessoalmente, havia muita emoção, ou talvez eu deva dizer, acrimônia, naquela simples declaração. Quem entre nós não se sente em algum momento traído pelas ideologias, sistemas e compatriotas em que confiamos implicitamente? Individualmente, se não coletivamente, não há garantia de que a história ou a justiça estejam do nosso lado. O traidor ou colaborador é muito mais odioso do que o inimigo que nunca foi de nossa confiança. Mas esta é uma frase que se aplica a ambos os lados do conflito *kachimake*, que considero um relativo sucesso de Morais, na medida em que ele não retrata simplesmente os vitoristas como vilões, mas procurou explicar (não justificar) suas ações. Claro, isso não o impediu de ser severamente criticado por estudiosos invejosos do sucesso de seu livro ou por apologistas dos *kachigumi*, que alegavam ter inventado tudo.

Em termos de objetivos históricos, eu queria, antes de tudo, apresentar a questão da *Shindô Renmei* para um público que não tem conhecimento do assunto. Uma colega brasileira me relatou que um pesquisador canadense que leu a tradução inglesa e minha introdução admitiu não ter conhecimento do assunto. Ele simplesmente imaginou que a experiência nipo-brasileira fosse comparável ao que aconteceu na América do Norte. Este é um tipo perigoso de ignorância. Como escrevi na introdução, as condições locais são fundamentais. Nem tudo pode ser generalizado de acordo com as teorias críticas mais recentes e, aliás, cada vez mais ultrapassadas.

- 4) Para Régine Robin (2016), “[o] passado não é livre. Nenhuma sociedade o deixa à mercê da própria sorte. Por esse passado, normalmente distante, mais ou menos imaginário, estamos prontos para lutar, para estripar o vizinho em nome da experiência anterior de seus ancestrais” (p.31). À vista disso, como o senhor avalia que essa tradução para o inglês poderá ser pertinente para compreender o recorte da imigração japonesa para a América do Norte, sobretudo para os EUA?

Mencionei anteriormente os anos do impacto traumático na diáspora japonesa que se reflete não apenas em “Dirty Hearts,” mas em textos históricos e literários norte-americanos (especialmente nos EUA) que se concentram na época. Por exemplo, em minha introdução, apresento uma análise de “No-No Boy” (1957), de John Okada, e sua referência ao revanchismo no estilo *kachigumi* e ao pensamento positivo na comunidade nipo-americana. Também tentei explicar alguns dos pensamentos linha-dura que surgiram no Havaí, embora em ambos os casos do Havaí e dos Estados Unidos continentais, essas fossem opiniões decididamente defendidas apenas por uma pequena minoria, ao contrário

do contexto nipo-brasileiro. É claro que os dolorosos legados da guerra se estendem além da ideologia para questões de língua, cultura e formação social. A diminuição do japonês como língua materna e literária em favor do português (Brasil), inglês (EUA, Canadá) e espanhol (Peru, México e Argentina) foi parte de uma ruptura epistêmica maior com a subjetividade imperial japonesa nas Américas. Este é um ponto que os Estudos Asiáticos Americanos, como um ramo de Estudos Étnicos e Literatura Inglesa nos Estados Unidos, historicamente tendem a ignorar devido ao seu foco exclusivo em materiais de língua inglesa, mas isso está começando a mudar lentamente para melhor à medida que os jovens estudiosos buscam abordagens multilíngues e transnacionais.

5) O Senhor, citando o Professor López-Calvo, assevera que “Corações sujos” é uma mistura de ensaio histórico, romance, testemunho e biografia. Derrida (2015), em sua reflexão sobre testemunho e literatura, com foco na obra de Maurice Blanchot, pontua que “[a] literatura serve de testemunho do real. A literatura simula, por um excedente de ficção, outros diriam de mentira, passar por um testemunho real e responsável pela realidade histórica – sem, no entanto, assinar esse testemunho, visto que é próprio da literatura o narrador não ser o autor de uma autobiografia” (p. 80). Com efeito, pergunto: como essas relações de testemunho, biografia e ficção aparecem em seu gesto de tradução para a língua inglesa de uma obra tão multifacetada?

Na verdade, foi meu colega, o Prof. López-Calvo, que me encorajou a ir em frente e traduzir “Dirty Hearts”. Ele é o editor da série da Palgrave MacMillan chamada *Historical and Cultural Interconnections Between Latin America and Asia*. Tínhamos acabado de concluir um painel que organizei, intitulado “Memória e Gênero na Literatura e Cinema Nikkei Sul-Americanos” na conferência da LASA em Barcelona em 2018, e meio que nos entreolhamos quando ele sugeriu que eu fizesse a tradução e aquilo me pareceu certo. Fazia muito sentido para nós na época e agora, mais do que nunca, foi uma decisão premonitória, considerando o quanto a política nacional e internacional se voltou nos últimos anos para regimes autoritários e suas campanhas de desinformação. Ele e eu ainda conversamos sobre isso regularmente porque não podemos deixar de ver as conexões, os tentáculos dessa hidra global rastejante que chamo de “populismo neofascista”.

Mas voltemos ao cerne da sua pergunta, que é fundamentalmente desestrutiva: “Corações Sujos” é literatura? Certamente, não é “literatura pura”, como um romance,

uma “mera” obra da imaginação. Contudo, é essencial, para o estudo da verdade histórica, que ela não seja descartada como mais um exemplo de *fake news*. Nesse sentido, podemos dizer com segurança que “Corações Sujos” está alicerçado na pesquisa arquivística e nas entrevistas que Morais realizou na elaboração do livro. As evidências fotográficas constituem cerca de um terço da contagem total de páginas do livro original e atestam a veracidade histórica. Agora, isso significa que Morais acertou tudo? Não. Na tradução, eu corrigi alguns erros gritantes, como sua afirmação equivocada de que nipo-americanos foram internados em massa no Havaí e na Costa Oeste, onde, na verdade, não existiam campos de internamento (confundiu o Oregon com o Arizona ou algo assim). Ele também afirmou que a União Soviética participou de bombardeios e da ocupação do Japão. Havia algumas datas que também estavam incorretas, em diferentes partes da obra. Esses são erros lamentáveis, mas não são centrais para a pesquisa de Morais, e eu agradeceria muito se a versão em português fosse atualizada para refletir algumas das correções que fiz. Em última análise, devemos nos esforçar para corrigir erros sempre que possível para futuros leitores e para a posteridade.

Em inglês, caracterizamos amplamente trabalhos como esse como “não-ficção criativa”. Gosto bastante do termo “jornalismo literário” empregado em português, o que também é apropriado. Outro desenvolvimento interessante nas últimas duas décadas é a crescente popularidade da “escrita da vida” (*life writing*), que costumava ter uma reputação muito baixa, mas agora está em ascensão. Biografias, diários, depoimentos e afins eram pessoais, não históricos ou literários, mas as percepções parecem estar mudando nesse ponto. Se assim for, Morais está bem posicionado para desfrutar de uma longa corrida.

Procuramos preservar a estrutura original e a sensação do livro de Morais. Algumas das imagens em preto e branco das revistas *Time* e *Life*, adulteradas pela *Shindō Renmei*, não aparecem na versão em inglês por questões de direitos autorais, mas todas as fotos restantes aparecem, com as mesmas legendas e resolução surpreendentemente melhorada. A capa do livro da Palgrave MacMillan foi uma grande decepção, tenho que admitir (o preço exorbitante também). Em vez da foto icônica e encenada dos “sete samurais” em uma festa de casamento em Tupã, registrada pelo fotógrafo Masashige Onishi, fomos obrigados a aceitar uma capa genérica, no estilo de livros didáticos. Sempre tive a impressão que esta fotografia muito machista e um tanto homoerótica, que Morais e a Companhia das Letras escolheram, ajuda a definir a própria natureza do livro. Simplesmente não tem o mesmo impacto pungente, por aparecer na página de título, ou como uma imagem entre as muitas enterradas no livro.

6) O antropólogo japonês Hisayasu Nakagawa sentencia que existe uma diferença fundamental na estruturação do pensamento japonês, se comparado ao ocidental. Segundo ele, na concepção judaico-cristã, por exemplo, os acontecimentos sempre ocorrem por um agente, portanto, há sempre um sujeito implicado nas ações e no desenvolvimento de determinada coisa do mundo. No caso japonês, para Nakagawa (2008), “[...] a verdade surge de modo espontâneo e natural, sem nenhuma intervenção de um ser exterior à situação” (p. 48). Régine Robin (2016), no mesmo esteio, destaca que já 1995, 50 anos após a Guerra, as produções filmicas e culturais retratavam o passado japonês, de forma a mostrar “[...] que a Guerra tinha sido apresentada e vivida antes como um ‘desastre natural’, o que permitia se subtrair de toda responsabilidade” (p.172). Pensando no contexto da *Shindô Renmei* abordada em “Corações sujos”, o senhor chama atenção (p.36) para o fato de que Morais não só busca apontar os crimes cometidos, como também lista todos os nomes em ordem alfabética, destacando o que tais japoneses fizeram e seus respectivos desfechos. E isso também aparece em sua tradução. Dessa forma, como o Senhor avalia a importância dessa tradução nesse cenário de diferentes visões de mundo e formas de apresentar a história e a memória do povo japonês para o mundo?

Bem, eu rejeito os argumentos do tipo *Nihonjinron*, então não tenho nada a dizer sobre a antropologia pseudo-xintoísta. Motoori Norinaga é muito mais convincente se você quiser apreender as origens do pensamento nativista. Seguindo as ideias do historiador literário pós-estruturalista alemão e teórico da mídia, Friedrich Kittler, escrevi um livro chamado *Writing Technology in Meiji Japan* (Harvard, 2016), que elabora sobre as maneiras pelas quais as tecnologias de mídia, bem como os seres humanos, exercem formas de agência na produção de nosso mundo moderno. Mas não há nada espontâneo ou natural nas formas como funcionam os sistemas em rede a serviço de um estado-nação ou império moderno. Régine Robin está fundamentalmente correta em sua avaliação das tendências revisionistas e relativistas no Japão do pós-guerra de ver os chamados “anos do vale escuro da guerra” como algo semelhante a um desastre natural.

Isso não aconteceu da noite para o dia: deixando de lado os Julgamentos da Guerra de Tóquio, podemos ver em obras como o conto “The American School” do autor japonês Kojima Nobuo (Amerikan sukūru, 1954), escrito dois anos após o fim da censura da ocupação americana, momento em que as autoridades japonesas e norte-americanas estavam engajadas em refazer o Japão do pós-guerra com apenas ajustes superficiais no *status quo* prevalecente.

Ao contrário da Alemanha contemporânea, que se esforçou muito para reconhecer

seu papel na perpetração do Holocausto e das guerras de agressão, o Japão continua tropeçando no status do Santuário Yasukuni, na questão das mulheres de conforto e no que Oguma Eiji chamou de “o mito de um Japão homogêneo.”

Este não é apenas um problema na sociedade japonesa dominante, mas dos Estudos Japoneses globalizados, nos quais, os estudiosos compararam rotineiramente os efeitos do Grande Terremoto de Kanto (1923), no Japão, com a destrutividade da Primeira Guerra Mundial na civilização europeia, ou chamando o Desastre Triplo de Fukushima, de “3-11”, em comparação direta com os ataques terroristas contra os Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. As tentações são compreensíveis, mas realmente não devemos comparar atos da natureza (ou de Deus) a guerras de agressão e conquista feitas pelo homem.

O final de “Corações Sujos” é estranhamente abrupto, não? O penúltimo capítulo passa para a Assembleia Constituinte, que evitou banir permanentemente toda a imigração futura de japoneses para o Brasil por um único voto. O capítulo final, entretanto, vira a mesa sobre os assassinos vitoristas para mostrar que os predadores se tornam a presa – um assassino da *Shindô Renmei* é caçado, torturado e morto por um de seus antigos alvos, um *makegumi*. E depois há o epílogo, que, como você bem observou, é principalmente uma lista de acusados e condenados formalmente pelas autoridades brasileiras.

Morais insiste na prestação de contas ao citar nomes. É uma contribuição essencial para o livro que não devemos diminuir como um mero gesto retórico. Com muita frequência, nos estudos históricos, somos ensinados de acordo com generalidades, mas especialmente no caso de movimentos nacionais, sabemos apenas o nome de um líder e um ou dois tenentes. Não neste caso. Agora, acho que ninguém precisa memorizar todos esses nomes, mas fico feliz que eles estejam lá, para a posteridade, como um lembrete de quem realmente estava envolvido. Também aprendemos os nomes das pessoas reais assassinadas pela *Shindô Renmei*. Mas, por outro lado, Morais também nos deixa muitas perguntas sem resposta. Onde estão os nomes das turbas de brasileiros que lincharam centenas de imigrantes japoneses na cidade de Osvaldo Cruz? Obtemos alguns *insights* sobre o papel de Adhemar de Barros na reabilitação da comunidade nipo-brasileira, mas não tanto sobre a restituição de imigrantes japoneses que perderam suas casas, negócios e propriedades durante os anos de guerra. E o que acontece com “o velho e sábio” Coronel Junji Kikawa? Ele desaparece nas páginas finais do livro sem maiores explicações. Espero que haja mais relatos investigativos desse período, porque ainda há muito a aprender com suas lições.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. In.: BENJAMIN, Walter. **Linguagem, Tradução e Literatura: filosofia, teoria e crítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, [1921] 2018, pp. 87-100.

BHABHA, Homi K. *O entrelugar das culturas....* In: BHABHA, Homi K.. **O bazar global dos cavalheiros ingleses**. Textos seletos. Tradução de Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, pp. 80-94.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Demorar**: Maurice Blanchot. Trad. Flávia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis: Editora UFSC, 2015.

GALEANO, Eduardo. **Patas arriba**: *La escuela del mundo al revés*. Buenos Aires: Editora Catálogos, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, [1936] 2014.

JACOBOWITZ, Seth. *Critical introduction to Dirty Hearts*. In: MORAES, Fernando. **Dirty hearts**: the history of *Shindô Renmei*. Trad. Seth Jacobowitz. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2020.

JACOBOWITZ, Seth. **The Edogawa Rampo Reader**. Kumamoto: Kurodahan Press, 2008.

JACOBOWITZ, Seth. **Writing Technology in Meiji Japan**: A Media History of Modern Japanese Literature and Visual Culture. Cambridge, Massachussetts: Harvard University Press, 2016.

MIZUBAYASHI, Akira. **Une langue venue d'ailleurs**. Paris: Gallimard, 2010.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos**: a história da *Shindô Renmei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORAIS, Fernando. *Dirty hearts*: the history of *Shindô Renmei*. Trad. Seth Jacobowitz. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2020.

NAKAGAWA, Hisayasu. **Introdução à cultura japonesa**: ensaio de antropologia recíproca. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KOJIMA, Nobuo. *The American School*. In: HIBBETT, Howard (org.). **Contemporary Japanese Literature**. Nova Iorque: Editora Alfred A. Knopf, 1977, pp. 173-92.

OKADA, John. **No-no boy**. Seattle: University of Washington Press, 1957.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

Recebido em: 20 out. 2022.

Aceito em: 31 jan. 2023.